

Luís de Camões: o testemunho das cartas

*Helder Macedo**

Resumo: As cartas de Camões têm sido consideradas reprováveis manifestações de comportamentos marginais. No entanto, constituem importantes testemunhos de uma ampla crítica social que ajudam a entender melhor a sua poesia e o seu, frequentemente irónico, uso literário do petrarquismo.

Palavras-chave: Camões. Marginalidade. Crítica social. Petrarquismo.

Abstract: Camões' letters have always been dismissed as reprehensible expressions of marginal forms of behaviour. In fact, they are a rich source of social criticism that provides telling insights into his poetry and his often ironic literary use of Petrarchism.

Keywords: Camões. Marginality. Social Criticism. Petrarchism.

Poucos poetas mereceriam menos o destino póstumo de monumento nacional do que Camões. Fixá-lo numa imagem de grandeza estereotipada é neutralizar a grandeza real de quem preferiu ao conforto das ideias recebidas a precária demanda de experiências ainda sem nome. Ao dignificar a experiência como base do conhecimento, Camões é um poeta moderno. Como os outros grandes perenes da literatura renascentista (Cervantes na prosa, Shakespeare no teatro, poucos mais), quando fala do seu tempo e para o seu tempo, está também a falar do nosso tempo e para o nosso tempo. Disto resulta que possa haver um Camões diferente (ou um Shakespeare, ou um Cervantes) de cada renovada perspectiva de leitura, muitas delas legítimas, nenhuma delas

* Professor Catedrático do King's College de Londres.

definitiva. Mas também significa que há sempre na obra de Camões alguma coisa que escapa a qualquer discurso crítico que pretenda afirmar mais do que interrogar as multifacetadas complexidades da sua obra.

Camões viveu num mundo em transição. Foi o primeiro poeta europeu com prolongada experiência directa de culturas tão diferentes da sua quanto eram então as da África, da Índia, da Indochina. A sua poesia insere-se, é claro, na tradição ocidental que inclui Virgílio, Ovídio, Dante, Petrarca e, em termos mais amplos, o neoplatonismo renascentista. Afinal toda a linguagem é feita de passados e não de futuros. Mas a profunda originalidade de Camões manifesta-se nos subtís deslocamentos semânticos que impôs a essa tradição, modulando a linguagem do passado de modo a poder significar uma nova visão do mundo para a qual ainda não havia linguagem feita. Usou a temática tradicional do exílio metafísico para registar os passos concretos de uma “vida pelo mundo em pedaços repartida” e, ao fazê-lo, deu expressão a um novo entendimento que contrapõe ao absoluto da ordem divina o relativismo da ordem – ou desordem – humana.

A peregrinação registada na sua obra aponta para qualquer coisa de tão indefinível, mas revolucionariamente tão moderna, quanto é o direito à felicidade na terra. “Contentei-me com pouco” – disse este “homem de natureza terrível” para quem até o excesso sempre foi pouco – “só por ver que cousa era viver ledó”. O momento fundador da nossa contemporaneidade foi o brado revolucionário de Saint-Juste, “Le bonheur est possible”, a nossa utopia é ainda o sempre tão traído direito à felicidade na terra consagrado na constituição americana. O Camões nosso contemporâneo foi, assim, um poeta mais da dúvida do que da convicção, da rotura mais do que da continuidade, da experiência mais do que da fé, da imanência mais do que da transcendência, de uma sexualidade indissociável da espiritualidade do amor. E foi também, no fim da sua utópica demanda de felicidade na terra, o poeta da fragmentação que encontrou no lugar da felicidade que desejava. Não haveria, para ele, a final contemplação harmoniosa *d’il sole e l’altre stelle* porque a sua poesia inaugurou a percepção do mundo moderno, o mundo da diversidade, do nosso mundo de incertezas.

Tem-se escrito que Camões é um poeta petrarquiano. É e não é. O petrarquismo foi para ele a base do anti-petrarquismo. Tem-se escrito que *Os Lusíadas* são uma épica virgiliana. Também são e não são. A celebração épica da *Eneida* foi para ele a base de uma crítica anti-épica. Tem-se tentado separar o Camões mal comportado dos bordeis lisboetas do sublime Camões da espiritualidade do amor. Mas ele próprio o não faz quando, na Ilha do Amor – esse vasto bordel de marinheiros e de ninfas – a iluminação espiritual é corolário da satisfação do desejo sexual.

De muito do que se tem escrito resulta, portanto, ou um Camões truncado ou um Camões contraditório, não o Camões para quem a contradição é a norma, não o Camões que harmoniza as aparentes contradições, não o multifacetado poeta que ao mesmo tempo é capaz de ironizar o sublime e de dignificar o trivial. O estudo do humor na obra de Camões – que é patente até n’*Os Lusíadas* – ainda não foi feito. Nem sequer o do cáustico humor das Cartas, que são o exemplo em que me vou concentrar no resto do tempo que me foi concedido. Três das quatro cartas que dele sobreviveram são testemunhos preciosos sobre usos e costumes reveladores da sociedade portuguesa do seu tempo. Mas há sempre um véu de pudicícia lançado sobre elas, como se não reflectissem a realidade social de onde o génio poético de Camões emergiu. Um dos mais competentes comentadores das Cartas, Clive Willis, tem o cuidado de minimizar o previsível escândalo do leitor desprevenido desde logo avisando que *the two Lisbon letters do not reveal Camões in a good light* (“as duas cartas de Lisboa não dão uma boa imagem de Camões”); e o mestre camoniano Hernani Cidade, referindo-se a pessoas mencionadas numa delas, escreve o seguinte: “[...] como outros nomes que nesta carta ocorrem, não têm sido identificados, nem valeria muito a pena o esforço que o tentasse. Seria pormenorizar a vida boémia do poeta, que não é certamente a que mais pode interessar.” Não? E porque não? Ignorar a chamada “vida boémia” de Camões é também ignorar que o Portugal dos seus anos formativos foi um feixe dinâmico de tensões contraditórias, que a Lisboa da sua estúrdia juventude era um vasto mercado para tudo, inclusive para o comércio do bem e do mal.

Recordemos, portanto, alguns factos significativos das complexidades inerentes à sociedade portuguesa desse tempo. Já um poeta da geração anterior, Francisco de Sá de Miranda, havia mencionado a entrada no porto de Lisboa da “peçonha branca” que fazia que homens andassem sonhando ao meio dia pelas ruas da cidade. A prostituição masculina rivalizava com a feminina. Judeus e mouros coexistiam e traficavam lado a lado com cristãos vindos de toda a Europa. Mais de 10% da população lisboeta era negra. A violência pública abrangia todas as classes sociais. Mas questões de fé entre as diferentes religiões eram debatidas em termos filosóficos, como por exemplo na *Ropica Pnefma* de João de Barros. Os marinheiros contavam as suas inverosímeis experiências factuais com gentes e em mundos até então desconhecidos pelos outros povos europeus. Na tecnologia, no pensamento e nas artes, Portugal estava na vanguarda do Renascimento europeu. Mas tudo estava em vias de mudar, o bom e o mau. Camões tinha cerca de dezoito anos quando o primeiro Auto de Fé se celebrou em Portugal. Cerca de vinte e três anos quando foi criado em Coimbra um dos mais progressivos colégios da Europa, o Colégio das Artes cujos lentes (já ele estava em Goa) iriam ser investigados pela Inquisição. E tinha cerca de vinte e sete ou vinte e oito anos quando escreveu as três cartas que revelam a tal vida que, na censória palavra de um camoniano tão ilustre quanto foi Hernani Cidade, “não é certamente o que mais pode interessar”. No entanto, com quase trinta anos, Camões não era já um imaturo adolescente, era um adulto com obra feita e uma não desprezível reputação de poeta.

E revisitemos agora esse Camões que “não pode interessar”, o Camões que faz o testemunho directo da sociedade portuguesa em que viveu. Todos aqui sabemos que sobreviveram apenas quatro cartas que tudo indica serem suas, embora se ignore quem são os destinatários. Há quem considere que a primeira foi escrita de Ceuta, a despeito de não haver nela qualquer referência que o comprove. É a menos especificamente localizada de todas elas e literariamente a mais elaborada, entremeando composições poéticas próprias, versos de Jorge Manrique, de Garcilaso e de Boscán, da égloga *Crisfal*, baladas populares e glosas

bíblicas. As outras, duas escritas em Lisboa (provavelmente em 1552) e uma de Goa (certamente em 1553), são textos fundamentais para caracterizar não só os aspectos menos regrados do seu comportamento social mas também os desconcertos (para usar uma palavra muito sua) da própria sociedade em que esse comportamento se inseria.

Na primeira carta de Lisboa, depois de ironicamente saudar os beatíficos deleites de um bucolismo literariamente inspirado por Bernardim Ribeiro, contrasta-os com as mais imediatamente apetecíveis promiscuidades da vida citadina, fazendo um vivíssimo retrato de comportamentos que não se limita, como a crítica tradicional parece gostar de presumir, a gente mais ou menos marginalizada, mas que inclui representantes de todas as classes sociais. Darei alguns exemplos.

A primeira referência é a uma “dama tão dama que, pelo ser de muitos, se a um mostra bom rosto, porque lhe quer bem, aos outros não mostra ruim, porque não lhe quer mal. Em comparação desta, digo que criou Nosso Senhor o camaleão na arte de tomar a cor de qualquer lugar onde o põem”. Depois fala dos narcisos do amor enamorados das suas próprias sombras:

Uns vereis encostados sobre as espadas, os chapéus até aos olhos e a parvoíce até os artelhos, cabeça sobre os ombros, capa curta, pernas compridas. Nunca lhes falta uma conteira dourada, que luz ao longe. Estes, quando vão pelo sol, miram-se à sombra e, se se vêem bem dispostos, dizem que teve muita razão Narciso de se enamorar de si mesmo.

A seguir vêm os amorosos melancólicos, vítimas naturais das celestinescas intrigas:

Estes, no andar, carregam as pernas para fora, torcem os sapatos para dentro, trazem sempre Boscão na manga, falam pouco e tudo saudades, enfadonhos na conversação pelo que cumpre à gravidade do amor. Nestes fazem as alcoviteiras seus ofícios, como são: palavras doces, esperanças longas, recados falsos. Hoje vos falam pela greta da porta: como vos não falou “estava mal disposta”, “sentiu-a sua mãe”. Porque esta é a isca com que Celestina apanhava *las cien monedas* a Calisto.

Mas há também as virtuosas senhoras que substituíram a sexualidade pela religião:

Outras damas há cá que, ainda que não sejam tão formosas como Helena, são altivas, como são as beatas de São Domingos e outras que conversam os apóstolos. Estas se geraram de viúvas honestas e de casadas que têm os maridos no Cabo Verde, assim que, as por casar e outras por lhes Deus trazer os maridos, de cuja vinda elas fogem, nunca lhes escapam as quartas-feiras em Santa Bárbara, as sextas em Nossa Senhora do Monte, os sábados em Nossa Senhora da Graça, dias do Espírito Santo.

Ou ainda umas respeitabilíssimas senhoras, ostensivamente modestas, penitentes e até (os tempos não mudaram) ecologicamente correctas vegetarianas:

Umaz dizem que jejuam a pão e água, outras que não comem cousa que padeça morte. E destas há algumas de estofos que fazem ir uma nau à Índia em três dias: grandes capelos e hábitos de sarja, contas na mão e o cu ladrão, e haja eu perdão, porque debaixo lhe achareis mantéus debruados, gravins lavrados, jubões de Holanda, alvos e justos.

De tudo isto se pode concluir, se não estou muito errado, que não é apenas a “vida boémia” do poeta – a tal que “não pode interessar” – que foi retratada nesta carta, mas que esse aspecto da sua vida é parte e sintoma de uma mais generalizada atitude moral e social que, necessariamente, tem de interessar a quem queira entender as complexidades – e, conseqüentemente, a actualidade – da obra de Camões. Note-se, aliás, que é na sequênciã e como parte de tão vasto panorama social que Camões vai dar ao seu bucólico amigo algumas novidades sobre as “brandas” e artisticamente proficientes prostitutas de “rostos novos e canos velhos” que ambos obviamente conheciam e gostosamente haviam partilhado. Essas, as “damas de aluguer” que eram capazes de cantar e dançar tão bem quanto os artistas que “El-Rei mandou chamar” para a Corte, não representavam portanto uma

anomalia “boémia” mas um facto tão significativo daquela sociedade quanto todos os outros mencionados na carta. Conta assim, por exemplo, que depois de uma prestimosa anfitriã de bordel (que “reparava muitas órfãs e adubava os pagodes de Lisboa, afora outras obras de grandes respeitos”) ter sido assassinada pelo marido ciumento (“grande perda para o povo”) as outras tiveram medo mas logo se reorganizaram, com merecido sucesso, numa nova “forte torre de Babel” em que “as línguas são tantas que cedo cairá, porque ali vereis Mouros, Judeus, Castelhanos, Leoneses, frades, clérigos, casados, solteiros, moços, velhos.” Não é isto um amplo retrato da sociedade?

A outra carta de Lisboa também está recheada de significativas notícias. Fala, por exemplo, de um senhor que “paga soldo aos maiores matadores desta terra, os quais já *in illo tempore* lhe tinham cozinhado a morte” e que consegue assegurar a corrupta convivência das autoridades não só também pagando “soldo” ao Tesouro mas propiciando os favores sexuais da irmã já que, “ainda que esta mercadoria seja defesa pelo senhor da Fortaleza, nestas viagens da China mais se ganha no furtado que no ordenado”; comenta alguns assaltos recentes a conhecidos comuns; e, é claro, dá informações pormenorizadas sobre os comportamentos das inevitáveis “ninfas de água doce”. Mas o principal propósito da carta é avisar o amigo a quem a dirige de que “é passado nesta terra um mandado para prenderem a uns dezoito de nós” por causa do espancamento de um fidalgo “em noite de São João”. Aliás logo no primeiro parágrafo, caracteristicamente brincando com coisas sérias, havia previsto os maus tratos que contra ele próprio já se estariam a preparar: “grandes mãos de ferro, capuzes de lâminas, maças de Hércules e golpes de Amadis, tudo contra o pobre de Camões.” Não foi, no entanto, por essa celebração da “noite de São João” que Camões veio a ser preso e que pouco depois embarcou para a Índia com um ambíguo perdão do Rei. Mas foi, como se sabe, por uma equivalente celebração noutra dia do calendário religioso – o “dia de Corpus Christi” – quando feriu com a espada um funcionário do Paço.

Na carta que escreveu pouco depois de ter chegado a Goa (que caracteriza como “mãe de vilões ruins e madrasta de homens honrados”), Camões queixa-se amargamente das injustiças e traições de que teria sido vítima. Mas creio que é um testemunho particularmente notável pelo que revela dos surpreendentes, e nada convencionais, usos eróticos do petrasquismo nos bordéis de Lisboa. Comparando nostalgicamente a “carne de salmoura” das prostitutas locais com as irresistíveis “falsidades” das suas literariamente sofisticadas congêneres lisboetas, “que chamam como pucarinho novo com água”, promete ir recebê-las pessoalmente como um Patriarca, de procissão e pálio, “se não recearem sofrer seis meses de má vida por esse mar”, porque às prostitutas locais “fazei-me mercê que lhes faleis alguns amores de Petrarca ou de Boscán, respondem-vos numa língua meada de ervilhaca, que trava na garganta do entendimento, a qual vos lança água na fervura da maior quentura do mundo”.

Tais comentários fazem, no mínimo, ponderar se a tão frequentemente proclamada ortodoxia petrarquista de Camões teria podido ser assim tão ortodoxa. E, por extensão, muitas das outras ortodoxias que lhe têm sido impostas. A crítica tradicional sempre se scandalizou com os comportamentos sociais do cidadão, sistematicamente dissociando-os da sua escrita poética. É como se Camões, seguindo o seu virtuoso exemplo, tivesse podido funcionar em comportamentos estanques: à direita o sublime poeta, à esquerda o malandro mal comportado. Mas creio que a actualidade – que a espantosa modernidade – da sua obra reside precisamente no facto de Camões não poder ser entendido em compartimentos estanques. E creio também que quanto menos todos nós, os estudiosos da obra de Camões, insistirmos em mostrar quão parecido ele é com os seus assumidos mestres – Virgílio, Ovídio, Dante, Petrarca... – e melhor acentuarmos quanto deles se diferencia, mais evidente se tornará a relevância actual da sua obra. O mundo de valores em transição que foi o seu é ainda o nosso. A nossa contraditória diversidade já era a dele. Ele é porventura o mais velho mas, por isso, também o mais sábio dos nossos contemporâneos.

Como comecei por dizer e digo para terminar, quando Camões fala do seu tempo e para o seu tempo, está também a falar do nosso tempo e para o nosso tempo.

Referências

CAMÕES, Luís de. *Obras Completas*. Volume III, *Autos e Cartas*. Coleção de Clássicos Sá da Costa, Prefácio e Notas do Prof. Hernani Cidade; Lisboa, 1948.

WILLIS, Clive. The Correspondence of Camões (with Introduction, Commentaries, Translation and Notes). *Portuguese Studies*, London: King's College London and Modern Humanities Research Association, v. 11, 1995.